

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

ARTIGO CIENTÍFICO

MACAPÁ-AP

2011

JOSÉ RAIMUNDO PANTOJA DOS SANTOS
MARINALDO MACIEL RICARDINO

LUÍSA E CAPITU
PERSONAGENS COM PERFIS CONVERGENTES E DIVERGENTES
NO REALISMO DO SÉCULO XIX

Artigo Científico apresentado à
disciplina TCC III da Universidade
Federal do Amapá, sob a orientação
do prof. Ms. Manoel Azevedo.

MACAPÁ-AP

2011

Luísa E Capitu: Personagens Com Perfis Convergentes E Divergentes No Realismo Do Século Xix

José Raimundo Pantoja*

Marinaldo Ricardino Maciel**

RESUMO

A partir das leituras que realizamos dos romances *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ambos pertencentes ao Realismo Português e Brasileiro do século XIX, ressaltamos a ocorrência de questões singulares de cada escola. Vimos que apesar de o Romance Realista ter sido escrito por autores masculinos, notamos que são as personagens do sexo feminino (Luísa e Capitu) que ganham relevância e importância no decorrer das duas obras. Percebemos ainda, que “o desvelamento da ideologia patriarcal, embutida na construção das personagens e no desenrolar da própria trama” (XAVIER, 1999, p. 18), nos oferecem argumentos de que os padrões de comportamento imposto tanto por Eça de Queirós como por Machado de Assis não representam verdadeiramente o perfil da mulher portuguesa e brasileira, respectivamente, neste período. Por essa razão, nos propusemos a identificar nas obras supracitadas, pontos convergentes e divergentes entre essas duas personagens emblemáticas da Literatura e o perfil de cada uma delas, no Realismo.

PALAVRAS-CHAVE: Convergência e Divergência.

* Formaando do curso de Letras da Universidade Federal do Anapá - UNIFAP

** Formaando do curso de Letras da Universidade Federal do Anapá - UNIFAP

ABSTRACT

From the readings we made about the novels *O primo Basílio*, written by Eça de Queirós, and *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, both belonging to Portuguese and Brazilian Realism in the nineteenth century, we note the occurrence of unique issues from each school. We saw that in spite of the realistic novel have been written by male authors, we note that the characters are female (Louise and Capitu) that gain relevance and importance in the course of the two works. We also realized that "the unveiling of patriarchal ideology, embedded in the construction of characters and the unfolding of the story itself" (Xavier, 1999, p. 18), offered us arguments that the standards of behavior imposed both by Eca de Queiros and so as by Machado de Assis does not truly represent the profile of Portuguese and Brazilian women, respectively, in this period. For this reason, we set out to identify in the works above mentioned, convergent and divergent points between these two iconic characters in literature and the profile of each one of them, in Realism.

KEYWORDS: Convergence and Divergence.

1 INTRODUÇÃO

A partir deste momento, apresentaremos aos nossos leitores, o perfil de Luísa e de Capitu, personagens-chave de duas grandes obras das Literaturas portuguesa e brasileira do século XIX, evidenciando os respectivos contextos sócio, histórico e cultural dessas duas sociedades. No presente artigo, temos como propósito, mostrar que Luísa e Capitu possuem perfis convergentes e divergentes a partir das obras *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, destacando pontos em que elas se aproximam e se afastam uma da outra, fato que nos levou a acreditar que ambas as personagens estão à frente de seu tempo, por apresentarem atitudes consideradas avançadas para a época, sob os olhares de autores masculinos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL NO REALISMO

Até meados do século XIX, Portugal e Brasil viveram circunstâncias bem distintas, apesar de num período não muito distante do referido, este ter servido de colônia de exploração daquele. Ambos os países concentravam sua população morando no campo e vivendo da produção agrícola. Porém, diferenciaram-se bastante um do outro no decorrer da segunda metade deste século, conforme Maia (1989, p.146-147). Por outro lado, podemos afirmar ainda que os Movimentos Sociais, apoiados nas Correntes Filosóficas, Sociológicas e Científicas, nascidos pós-Revolução Industrial, tiveram grande importância para a transformação ideológica e cultural desses dois países. Vimos que o Liberalismo Econômico, o Positivismo, o Evolucionismo, o Determinismo e o Socialismo, influenciaram ativamente cidadãos portugueses e brasileiros, no final deste século, segundo Souza (1989, p.65-70) e Maia (1989, p.146-148). Percebemos que a mulher, muito mais em Portugal do que no Brasil, começa a ganhar espaço na vida social e a incomodar a sociedade rica fazendo valer suas vontades, a partir do que pregava a ética e a moral segundo seus costumes. Por essa razão, surgiram pensamentos machistas por todos os lados. Notamos também que em Portugal, a mulher buscou transpassar o conceito de mãe e esposa e, lutar por emancipação. Por outro lado, no Brasil, percebemos que a mulher ainda carregava fortes traços do período imperialista e do coronelismo por terem sido educadas única e exclusivamente para o casamento rico, a ociosidade doméstica, a beatice e as fantasias sentimentais, conforme Saraiva & Lopes (1996, p.862). Vimos que, em ambos os países, a elas não se permitia a escolaridade, o direito à educação que era privativo de uma minoria. É nesse contexto que surge um movimento literário preocupado em retratar com certa isenção a realidade circundante, sem; no entanto, levar a pesquisa muito à frente, sem trazer a ciência, dissertativamente para o plano da obra: O Realismo. Dessa maneira, nos foi possível identificar certa mudança no perfil do escritor da época, o qual já não mais expressava suas emoções pessoais, detendo-se exclusivamente em analisar as questões econômicas, culturais e, sobretudo sociais, presentes no seu cotidiano; tais como: o adultério, a prostituição, a miséria, o crime, o relacionamento entre pares co-sanguíneos. Agora, em vez de

personagens idealizadas e heróicas, habitavam em seus romances pessoas comuns, extraídas da sociedade; com problemas causados pelas mazelas sociais.

3 O REALISMO DESTACANDO EÇA DE QUEIRÓS E MACHADO DE ASSIS

O Realismo é um movimento que surgiu na Europa, na segunda metade do século XIX, influenciado pelas transformações que ali ocorriam no âmbito econômico, político, social e científico. Tem origem francesa, e suas primeiras manifestações de grande importância datam os anos de 1850 e 1853, com Gustave Courbet (1819 – 1877), onde o mesmo procurou evidenciar em seus quadros, os costumes, as ideias e os aspectos de sua época, revoltando-se contra a pintura imaginativa do Romantismo. Por sua vez, Gustave Flaubert (1821 – 1880), seguindo a mesma linha de pensamento de Courbet, na prosa, publica o romance *Madame Bovary* (1857) – análise impiedosa da hipocrisia romântica e burguesa, estabelecendo-se assim, o marco inicial para o “nascimento” do Realismo, conforme Sarmento & Tufano (2004, p. 64-65).

Eça de Queirós, por exemplo, foi um dos mais importantes prosadores do Realismo em Portugal, um dos maiores nomes da Literatura. Em seu romance *O Crime do Padre Amaro* (1875), deu início ao Realismo em Portugal. Ele apresenta algumas características básicas de sua postura literária, criticando violentamente a vida social portuguesa, denunciando a corrupção do clero e a hipocrisia dos valores burgueses, conforme Saraiva & Lopes (1996, p. 862). E em *O Primo Basílio* (1878), impiedosa crítica da decadência da sociedade burguesa, além de deixar transparecer, segundo o crítico João Gaspar Simões (2005, p.19-20), “as inquietações do sentimento, as apreensões da consciência e os desequilíbrios da sensualidade”, Eça de Queirós observa bem a sociedade da época, mas escasseavam-lhe os dons de psicólogo e a imaginação transfiguradora que tinha Machado de Assis, por exemplo, que em 1885, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, deu início a sua fase propriamente realista no Brasil, revelando seu incrível talento da análise do comportamento humano, descobrindo por trás dos atos

aparentemente bons e honestos, a vaidade, o egoísmo, a hipocrisia. E em *Dom Casmurro* (1899), Assis revela todo o seu talento através da análise psicológica das personagens e na criação de um clima de incertezas e ambiguidades no transcorrer de toda a narrativa. Abaixo, abordaremos as principais características deste importante movimento.

3.1 Características do Realismo

De acordo com Moisés (2003, p.166), os realistas reagiram violenta e hostilmente contra tudo o que se identificava com o Romantismo. Por isso, buscaram nas correntes Filosóficas, Sociológicas e Científicas uma forma de questionar as coisas, fazendo da Literatura, uma arma de combate. Por isso, realizaram a *filosofia da objetividade*. Pois, para eles o que interessa é o objeto, o *não-eu*. Por essa razão, tinham como preocupação fundamental apresentar a história, a personagem, a cena, a paisagem, a coisa; no seu pormenor. Notamos ainda que essa preocupação introduz, no escritor realista, o gosto pelo detalhe, o qual descreve minuciosamente o objeto, fazendo uso de documentos e também da observação. Mas era preciso destruir o sentimentalismo e a imaginação romântica e, buscar na *Razão* a única via de acesso à realidade, pois para *Idem* (2003, p.166), os realistas deviam abandonar preocupações teológicas e metafísicas por considerá-las subjetivas, egocêntricas e aderir à ciência como resposta à verdade, efetuado com o apoio das faculdades racionais.

Por isso, trabalharam em seus romances a *análise social*, descrevendo minuciosamente a realidade das pessoas, apresentando os problemas enfrentados por elas nos ambientes urbanos. Por essa razão, a obra literária passou a ser uma arma de combate e de reforma, denunciando o que havia de “podre”, de errado; na sociedade.

A *verossimilhança* é uma outra importante característica do movimento realista, porque procurava semelhança com a realidade ao observar personagens presentes no cotidiano das pessoas. Os autores renunciavam ou descartavam tudo

aquilo que fosse fantástico ou improvável de acontecer. Pautavam-se no real como um dos princípios centrais do movimento.

Além disso a *análise psicológica* de determinadas personagens também é um traço marcante deste estilo, com o estudo dos caracteres, motivações e tendências da vida psíquica das personagens. Pois, os realistas criam expectativas em torno de suas personagens, de modo a não esgotar o pensamento a seu respeito, como se elas fossem um abismo inexplorado o qual, de repente pode vir à tona.

Contudo, percebemos que os escritores realistas buscaram trabalhar em seus livros assuntos do cotidiano deles, nos mais diversos aspectos social, político, cultural, econômico, criticando hábitos e costumes não permissíveis para sociedade da época, procurando relatar a hipocrisia das classes mais favorecidas em detrimento das de menos poder aquisitivo, enxergando o homem em seu aspecto natural.

4 LUÍSA E CAPITU, PERFIS CONVERGENTES E DIVERGENTES

Em *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, Luísa, personagem central da obra vive um romance com seu primo e ex-namorado, Basílio. Foi a partir desse acontecimento que Queirós seguiu sua narrativa. Por sua vez, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Capitu, surge como fruto da imaginação do narrador-personagem, Casmurro, o qual transfigura, gradualmente, sua imagem.

Por essa razão, perceberemos que, aos poucos, as duas personagens vão tomando caminhos que hora se afastam hora se assemelham. Eça de Queirós em *O Primo Basílio*, por exemplo, criou uma personagem com a intenção de realizar um inquérito da sociedade burguesa e capitalista, criticando os valores sociais, morais e éticos da época. Pois segundo Zenilda Queiroz (1992, p. 4) as minúcias encontradas no romance de Eça de Queirós, funcionam como um diagnóstico das mazelas sociais, tornando suas personagens em um fruto da herança social, das

circunstâncias históricas da época e do ambiente que as permeiam. Portanto, Eça cria uma personagem estática, um títere, uma marionete que, lentamente vai se transformando numa mulher requintada, com desejos e vontades, conforme discorre, Gualda (2007, p.155):

Luísa apresenta-se na obra de Queirós como uma mulher sonhadora que fantasia com o mundo romântico e idealizado dos livros que lê. No romance fica fácil perceber que essas idealizações são de natureza erótica e denunciam sua insatisfação com a ociosidade de seu cotidiano (GUALDA, 2007, p.155)

Machado de Assis, por sua vez, com o romance de memórias, faz de Capitu uma personagem enigmática, pois sua descrição é mais coerente e madura que a de Bento Santiago, cria uma mulher na pele de uma criança, a qual foi capaz de tramar, articular e planejar ações que promovessem sua própria pessoa. Gualda (2007, p.161), no excerto a seguir, comenta sobre o propósito de Machado ao criar uma personagem que se encontra a frente de seu tempo:

A narrativa de Machado de Assis joga com os valores culturais e sociais vigentes no período imperial, isto é, a condição feminina apresentada é clara: está presa ao estabelecido, conserva o padrão; mas no discurso reservado, no fluxo do pensamento, as personagens refutam, questionam os papéis que lhes são impostos na sociedade brasileira. Capitu é um exemplo de mulher que transcende a definição de esposa, mãe e mesmo o estereótipo de mulher. Ela busca uma maneira de transpor o estabelecido; luta por emancipar-se, pois está cansada das exigências sociais e familiares que lhes são destinadas (GUALDA, 2007, p.161)

Portanto, Machado, ao descrever Capitu, parece não se dar conta de está criando uma personagem diferenciada, que se sobressai frente as mais diversas situações de conflito a qual é submetida, não percebe que ela ganha corpo na sua obra ao torná-la fruto de uma sociedade patriarcal e machista, com seus valores éticos e morais bem definidos. No entanto, de personagem secundária que deveria ser, pois estava na qualidade de acusada, tornou-se a principal, na medida em que a narrativa vai se desvelando.

Por outro lado, ao analisar a narrativa de Queirós, percebemos que Luísa aparece como um ser inerte, um títere, como o próprio Machado de Assis adverte ao fazer uma análise da obra de Eça de Queirós:

Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo Autor, é antes um títere do que uma moral. (ASSIS, 1946, p.2).

Para Machado de Assis, a personagem Luísa surge como um ser sem moral nem remorsos, menos ainda consciência. Uma mulher irresponsável, que agiu impensadamente nas conseqüências de seus atos, por impulso, por desejo, por vontade, por paixão. Podemos afirmar ainda que não foi apenas o Determinismo moral da época, nem a amizade com Leopoldina, uma libertina aos olhos de Jorge, ou mesmo por ter morado em um bairro de classe baixa, os maiores responsáveis por Luísa ter chegado ao extremo aponto de cometer o adultério. Mas também, por alimentar na leitura de seus livros aventuras e viagens nunca realizadas, por ter sido incapaz de sair da ociosidade e ter ficado um longo tempo distante do marido e por ter alimentado os desejos reprimidos do primo e também os seus, ao permitir constantes visitas dele em sua casa, sem a presença do marido. Esses para nós foram fatores preponderantes que a conduziram ao deleite.

Podemos afirmar também que o sentimento de Luísa por Jorge era o de medo e não o de respeito. Para ela pouco importava o que as pessoas falavam ou deixavam de falar a seu respeito. Por isso, saía todas as tardes para ir ao encontro de Basílio, sem se preocupar se estava sendo observada ou não. Pois para, J. de Melo (1940, p.124-125), a traição se tornou para Luísa uma mera questão de oportunidade, porque sua tortura moral nunca existiu, o que teve foi um pavor físico de que seu marido viesse a descobrir. Não sentia vergonha nem remorso, temia apenas a morte. Para tanto, podemos dizer que esse fato decorre, porque era comum na época, o casamento sem amor, a mulher casava-se porque era o que se esperava dela e, o homem para não ficar sozinho. A seguinte passagem comprova essa afirmativa:

Jorge ria, não lhe faltava um botão nas camisas, era muito escarolado, admirava Luís Figuer, Bastiat e Castilho, tinha horror a dívidas, e sentia-se feliz.

Quando a sua mãe morreu, porém começou-se achar-se só; era no inverno, e o seu quarto nas traseiras da casa, ao sul, um pouco desamparado recebia as rajadas do vento na sua prolongação uivada e triste; sobretudo à noite, quando estava debruçado sobre o compêndio os pés no capacho, vinham-lhe melancolias lânguidas; estirava os braços, com o peito cheio de um desejo; queria enlaçar uma cinta fina e doce, ouvir na casa frufriu de um vestido!E decidiu casar. Conheceu Luísa, no verão, à noite no passeio. Apaixonou-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No inverno seguinte foi despachado, e casou. Sebastião, o seu íntimo, tinha dito, com uma oscilação grave da cabeça, esfregando vagarosamente as mãos:

- Casou no ar! Casou um bocado no ar! (QUEIRÓS, 2007, p.21)

Como podemos observar, Jorge demonstrou-se apaixonado por Luísa a primeira vista. Fato esse incoerente que marca a precipitada atitude do personagem na qual seu amigo Sebastião se refere é justamente essa “paixão” repentina por uma moça que acabara de conhecer. Da parte dela, no entanto, percebe-se que no início ela não carrega nenhum sentimento definido por Jorge, e mesmo assim, decide casar-se com ele, observado na seguinte passagem:

Tinham passado três anos quando conheceu Jorge. Ao princípio não lhe agradou. Não gostava dos homens barbados; depois percebeu que era a primeira barba, fina rente, muito macia de certo; começou admirar os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência e uma quebreira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável sem receio de nada (...) Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso, para a mamã! (QUEIRÓS, 2007, p.28)

Dessa forma, Luísa viveu por três anos ao lado de Jorge, mas levando uma vida entediada e sem grandes acontecimentos, até a chegada de Basílio, primo e ex-namorado da protagonista. Quando o mesmo retorna para Lisboa e começa a visitá-la encantando-a com as suas histórias de incríveis viagens pelo mundo, descrevendo os lugares fantásticos onde esteve, e lembrando o namoro que tiveram na juventude, ela vira, naquelas histórias, nas lembranças do namoro juvenil, nos olhos de Basílio, a chance de viver a sua aventura amorosa como na

leitura de seus romances. Porém, a figura de Jorge a repreendia. A passagem a seguir demonstra claramente os desejos da moça:

-Que vida interessante a do primo Basílio! -pensava. -O que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer suas malas, partir, admirar os aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! Como desejaria visitar os países que conhecera nos romances (...). Mas, qual! Nunca viajaria de certo; Jorge era caseiro, tão lisboeta! (QUEIRÓS, 2007, p.68).

Como podemos perceber, Luísa é claramente empurrada ao adultério, pois tudo conspira para a ocorrência desse acontecimento as visitas e as atitudes de Basílio, a viagem de Jorge que se prolonga, a vida entediante que levava, tudo a conduzia para um só caminho. O autor nos apresenta uma personagem desprovida de valores éticos e morais, uma personagem embebida pelo desejo, pela paixão, pela sedução. No excerto a seguir, Saraiva demonstra perfeitamente a forma como Luísa foi empurrado ao adultério:

Luísa, a protagonista, é quase inertemente e sem remorsos arrastada ao adultério: com ela se romaneiam linearmente certos fatores de determinismo moral que o autor várias vezes expusera, como a ociosidade da burguesinha da “Baixa”, saturada de cultura sentimental romântica, com desleixada educação familiar e colegial, e ainda por cima sem filhos, inserida numa convivência monótona, com exemplo libertino de uma amiga íntima (Leopoldina) e surpreendida por um dom-joanesco primeiro namoro (o Primo, agora rico, titular e viajado), numa ocasional ausência do marido. (SARAIVA, 1996, p.870)

Nesse sentido, vemos a protagonista de dois ângulos: a mulher que cedeu inertemente aos encantos de Basílio e a mulher que foi vítima de uma situação inevitável que não agiu por malícia e nem pretendia benefício próprio, notado na seguinte passagem:

Não fora culpa sua. Não abrira os braços a Basílio voluntariamente!...Tinha sido uma *fatalidade*; fora o calor da hora, o crepúsculo, uma pontinha de vinho talvez... Estava douda, de certo. E repetia consigo as atenuações tradicionais: não era a primeira que enganara seu marido; e muitas eram apenas por vício; ela fora por paixão (QUEIRÓS, 2007, p.162)

Por esse motivo Luísa, também representa a mulher, olhada, falada e consumida, tornando-se objeto de desejo e fascínio de Basílio, conforme nos adverte Schmidt (1999, p. 2). Temos, então, uma personagem paradoxal que ora dá vazão aos seus desejos sexuais reprimidos e mostra seu lado carnal e sedutor e ora mostra-se frágil e submissa ao marido e também ao amante, conforme citação:

Luísa escutava-o imóvel, a cabeça baixa, o olhar esquecido; aquela voz quente e forte, de que recebia o bafo amoroso, dominava-a, vencida-a; as mãos de Basílio penetravam com o calor febril a substância das suas; e, tomada de uma lassidão, sentia-se como adormecer (QUEIRÓS, 2007, p.103).

Por sua vez, Capitu, criada por Machado de Assis na sua melhor fase, na obra *Dom Casmurro*, claramente não se deixa influenciar pelas outras personagens da narrativa, pelo contrário, toma corpo e ganha espaço, numa época em que as mulheres tinham a educação voltada para os afazeres domésticos, e para cuidar dos filhos. A maioria não sabia ler ou escrever seu próprio nome, conforme Saraiva & Lopes (1996, p.862). Na obra, tornam-se claras as curiosidades de Capitu que aparece como uma mulher bastante decidida:

As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo quis que prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lha propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas (ASSIS, 2007, p. 36).

Para tanto, nos pautamos de uma visão subjetiva da personagem Capitu, através do olhar de um único sujeito, Bento Santiago ou Casmurro, o qual carrega em suas lembranças, os sentimentos de um amor juvenil e as mágoas vividas pelo casamento. Abaixo, Schmidt (1999) denota o propósito de Machado ao escrever esta célebre obra:

A obra de Machado foi construída a partir da centralidade e da visão soberana de um único sujeito, em que a mulher é sujeitada a determinadas representações normativas, as quais são reguladas por práticas sociais e discursivas que sancionam estruturas patriarcais. Ou seja, a mulher objeto olhado, falado, desejado e consumido, coexiste com a mulher agente do discurso (SCHMIDT, 1999, p.24).

Por essa razão, Capitu vem na contramão da história, porque representa a mulher desejada, olhada, falada e consumida que coexistia com a mulher agente do discurso, como vimos na citação de Schmidt (1999). Agora ela é objeto de desejo e de fascínio por Bentinho. Esse fato a aproxima de Luísa que, em *O Primo Basílio*, também se torna objeto de desejo e fascínio de seu ex-namorado e primo, Basílio. A seguir, destacaremos na obra de Machado uma passagem que denota perfeitamente essa afirmativa:

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluído misterioso e enérgico, uma força que arrasava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS, 2007, p. 85).

E com apenas quatorze anos de idade, a menina Capitu tinha um imenso poder de persuadir as pessoas que estavam a sua volta, segundo relata o narrador personagem e, por possuir mais artifícios que Casmurro, faz com que cumpram, aos poucos, seus interesses, até com certo tom de comando, fazendo uso de verbos no imperativo, conforme passagem de *Dom Casmurro*:

Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. **E contrariando as ideias de Bentinho, achou melhor começar por José Dias. Mais um pouco à frente ela planeja a seguinte estratégia:** (...) dirá agora outra cousa. Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa,

mostre que quer e que pode. Dê-lhe bem a entender que não é favor. Faça-lhe também elogios; ele gosta muito de ser elogiado, D. Glória presta-lhe atenção; mas o principal não é isso; é que ele, tendo de servir a vocês falará com muito mais calor que outra pessoa (ASSIS, 2007, p. 25- negrito adicionado).

Nesta passagem, Capitu orienta Bentinho a fazer exatamente aquilo que ela propõe, para tanto a menina utiliza de recursos com o propósito de ajudar o amigo a permanecer em Matacavalos. Com isso, podemos notar que o narrador nos apresenta uma personagem muito mais preparada, em termos de estratégia, que a outra, uma personagem bem mais prudente que Bentinho.

Outro aspecto a ser discutido é que Capitu premeditou a viagem de Bentinho a São Paulo, onde estudaria Leis (Direito) ao invés de ir para o seminário. No entanto, ela propõe a Bento que tenha como seu aliado, aquele que se apresentou como o responsável por causar todo esse problema: José Dias. Dessa forma, notamos todo o poder de convencimento que Capitu teve ao influenciar os pensamentos do amigo, o qual cedeu, sem controvérsias, aos encantos da bela moça. Comprovado no seguinte excerto:

E Capitu tem razão, pensei, a casa é minha, ele é um simples agregado...jeitoso é, pode muito bem trabalhar por mim, e desfazer o plano de mamãe (ASSIS, 2007, p.26).

Por isso, somos levados a pensar que o narrador-personagem (Bentinho) nos apresenta Capitu, ainda criança, com um perfil psicológico pronto, como se, a menina, já fosse uma mulher, tomando certo ar de sensualidade ao descrevê-la. No seguinte excerto, o narrador nos apresenta mais ainda suas impressões sobre a protagonista.

(...) Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até a cabeça. Esse arvorecer era mais apressado, agora que eu a via de dias a dias; de cada vez que eu vinha a casa achava-a mais alta e mais cheia; os olhos pareciam ter outra reflexão, e a boca outro império (ASSIS, 2007, p. 85).

Contudo, a narrativa nos permite dizer que Capitolina era uma “menina mulher”, maliciosa e dissimulada. É a soma e a fusão de múltiplas personalidades, conforme Pereira, 1959, p.24, que foi capaz de tramar para concretizar seu objetivo, casar-se com Bento Santiago. Esta, diferentemente de Luísa, escolhe o marido, numa sociedade onde o machismo é mais evidente. Para tanto, não podemos afirmar que Capitu perde de vista valores éticos e morais, como acontece com Luísa em *O Primo Basílio*. Quando acusada de traição pelo marido, nega a acusação alegando que ele não dispõe de provas que a condene moralmente. De fato, Casmurro nos apresenta apenas evidências de uma suposta traição. Mas é importante salientar que para a época, a mesma quebra paradigmas comportamentais importantes, pois não se podia conceber a uma mulher receber em sua residência visitas de estranhos (amigos), sem a presença do marido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens Luísa e Capitu foram criadas aos moldes de sociedades altamente machistas e patriarcais, onde o papel destinado às mulheres era de plena submissão e subalternidade aos homens. Porém, as duas figuras femininas ganham destaque e acabam protagonizando romances cujos títulos nos remetem a personagens masculinos. Os perfis das duas protagonistas acabam se convergindo em alguns aspectos pelo próprio fato de pertencerem ao mesmo estilo literário e, ao mesmo tempo, divergem; pois ambas ganham vida própria dentro de dois contextos bem distintos.

Em *O primo Basílio*, romance de combate aos falsos padrões morais da elite lisboeta, Luísa figura como a personificação da hipocrisia burguesa da época, uma mulher que deixa seus valores morais e conjugais de lado e acaba cometendo o adultério. Já em *Dom Casmurro*, Capitu nos é apresentada como uma “menina mulher” imbuída de muita perspicácia, determinação e malícia, sempre disposta a fazer o possível e até mesmo o impossível para alcançar seus objetivos.

Nas duas obras, sob os olhares de autores masculinos, tanto Luísa quanto Capitu colocam-se, cada uma a seu modo, como mulheres à frente de seu tempo. Na narrativa de Queirós, Luísa vai de um pólo a outro: passa de ser inerte a ser móvel, de “burguesinha da baixa”, fiel e submissa ao esposo a adúltera que dá vazão a toda sua sensualidade e desejos carnis que, até então, pareciam reprimidos e, se envolve numa relação repleta de mentiras, ilusões chantagens e manipulação. Assim, a mulher ociosa e sonhadora do início da trama dá lugar à outra, que rompe as barreiras de seu pudor e conservadorismo, recebendo visitas e marcando encontros furtivos com seu primo, e agora amante, Basílio. Na ocasional ausência do marido.

Por outro lado, em *Dom Casmurro*, Capitu aparece, desde o início da narrativa, como uma figura de personalidade forte e decidida em relação aos seus interesses. Inseriu-se nos padrões vigentes da sociedade patriarcal da época, onde a mulher era reduzida à passividade total e as mocinhas preparadas para casar e obedecer ao marido. Nesse aspecto, alias, encontra-se a principal diferença entre os perfis das protagonistas, pois, enquanto Luísa casa-se com Jorge em um ato precipitado, um casamento por conveniência e submete-se às ordens do marido e, posteriormente do amante Basílio, Capitu escolhe o próprio marido, casa-se, como planejou, com Bento Santiago e não se torna subalterna do esposo, pelo contrário, é uma mulher independente e uma personagem enigmática.

Quanto às ações de Capitu na obra machadiana, no entanto, deve-se destacar o fato de que o leitor percorre um caminho arenoso, já que toda a narrativa provém de recortes de memórias de seu narrador-personagem. Recordações estas que, por vezes, podem confundir-se com delírios e fantasias. O adultério, que em *O primo Basílio* é fato consumado, Em *Dom Casmurro* é um grande mistério, motivo de especulações e dúvidas geradas pelo próprio narrador, recluso e solitário, preso no próprio passado.

Apesar da relevância das personagens femininas nas obras, percebe-se que elas (Luísa e Capitu) carregam consigo toda carga de um patriarcalismo secular, pois ambas tem o discurso cassado e são levadas a um silêncio inconsciente. Tudo gira em torno das visões machistas de seus criadores a partir das quais a “superioridade” dos homens é vista como algo “natural”. Eça empurra sua

protagonista para o adultério e lhe castiga com a ocorrência de uma série de situações, no mínimo esdrúxulas, que culminam com o fim trágico de Luísa nas circunstâncias mais degradantes. A infidelidade do marido, no entanto, não interessa à sociedade nem tampouco é punida. Na narrativa de Machado, Capitu é julgada e “condenada” a morrer no exílio sem uma prova concreta de sua eventual culpa. Nesse sentido, afirmamos que as duas sociedades (portuguesa e brasileira) não estavam preparadas para ver a emancipação da mulher, sua liberdade de expressão e pensamento e, conseqüentemente, a sua própria visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Crítica Literária**. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M. Jackson Editores, 1946.

_____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martin Claret: A obra prima de cada autor, 2007.

BELLO, José Maria. **Retrato de Eça de Queirós**. 2ª ed. São Paulo, 1977.

GUALDA, Linda Catarina. **Representações do feminino em O Primo Basílio e Dom Casmurro**. SOLETRAS, Ano VII, Nº13. São Gonçalo: UERJ, Jan./Jun.2007). Em: www.omarrare.uerj.br/numero9/linda.html. Pesquisa realizada nos dias 06 e 07 de Agosto de 2011

JORGE, J. de Melo. **Os tipos de Eça de Queirós**. São Paulo: Livraria Brasil, 1940.

MAIA, João Domingues. **Língua, literatura e redação**. Vol.2. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis: Ensaios e Apontamentos Avulsos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo, Martin Claret; A obra prima de cada autor; 2007.

QUEIROZ, Zenilda dos Anjos. **Um perfil da mulher queirosiana: análise das personagens femininas em O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, Os Maias e A Cidade e as Serras**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis – SP, 1992.

SARAIVA Antônio José & LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. Porto editora; 1996.

SARMENTO, Leila & TUFANO, Douglas. **Literatura e Português**. 2ª ed. São Paulo: moderna, 2004.

SCHMIDT, Mário Furley. **A Nova História-crítica**. 7ª ed. São Paulo: Nova Geração Editora, 2002.

SCHMIDT, Rita Therezinha. **Recortes de uma história**: a construção de um fazer/saber. In: RAMALHO, Christina (org). **Literatura e Feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999. PP. 23-25.

SIMÕES, João Gaspar. **Nossos Clássicos**. Rio de Janeiro: Agir editora, 2005.

SOUZA. Osvaldo R. de. **História do Brasil**. Vol.2. São Paulo: Editora Ática, 1989.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

XAVIER, Elódia. **Para além do cânone**. In: RAMALHO, Christina. (Org.). *Literatura e feminino: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 18.